

O "BAHIA" E A BENEMERENCIA DESSE AUTENTICO PORTUGUES DE
GUIMARÃES

Nas festas celebradas em Campinas na ultima terça-feira, 15 de agosto, na Santa Casa de Misericordia, em cerimonia tocantes de simplicidade e de fervor, andei eu a mirar e remirar os retratos que guarnecem as paredes do salão nobre daquela nobre instituição.

Fiz um regresso ao passado e, pela memoria, fui recompondo festas antigas a que assisti desde menino, outras em que tomei parte, de lapis em punho, quando já metido a reporter e jornalista e outras, afinal, quando dali mudado, voltava a assistir àquelas cerimonia, sempre animadas de uma concorrência que era da gente ligada à Casa por laços quase de sangue, pois nela se apontavam benfeitores, filhos e netos de benfeitores, na composição de uma autentica dinastia de valores morais.

É notavel o dominio que as Santas Casas exercem sobre as pessoas que delas se aproximam e nelas se integram: a abnegação que caracteriza suas obras de assistencia tem um tal poder de sugestão que empolga o coração dos seus servidores. Estes passam a servi-la com uma unção verdadeiramente religiosa - e, ao contato da miseria humana cujos desesperos ela procura atenuar e cujas chagas e mazelas cura ou suaviza com medicamentos das enfermarias e com o balsamo ainda mais eficaz da assistencia e da doçura vigilante das irmãs de caridade - ao contato dessa miseria os membros da Irmandade se convertem em autenticos apóstolos e fazem um voto de bem servir no qual confundem e igualam a instituição de caridade com a propria família. Por esse caminho,

O "BAHIA" E A BENEMERENCIA DESSE AUTENTICO PORTUGUÊS DE
GUIMARÃES

(cont.)

- fls. 2 -

aliás, são numerosos os casos de sujeitos sem crença e sem fé, alguns até ostensivamente ímpios, que experimentam mudanças salutares e, ao cabo de alguns anos, se convertem em homens piedosos e de nobres sentimentos altruísticos. O contato com a miséria humana que é crescente e ostensiva nos grandes núcleos de população exerce esse poder de quebrar as arestas rudezas e a indiferença de muitos corações.

A contemplação de uma galeria de retratos de velhas figuras de tempos de antanho, colocadas ao lado de figuras menos velhas, mas também carregadas de serviços a instituições dessas, desperta lembranças e confrontos e nos obriga a pensar mais seriamente na pobre contingência das nossas vidas.

Perpassando os olhos naquele panteon de vultos do passado, masculinos e femininos, detive-me um pouco sobre uma figura de linhas severas, um tipo atarracado, de olhar energético, maçãs salientes, com o pescoço metido em altos colarinhos que um gravatão preto comprimia e contrastava com a cabelereira branca que dava destaque a uma testa ampla e cheia de rugas octogenarias. Esse homem, que deixou ao seu tempo a fama de rispido de maneiras, em contraste com uma generosidade inata, não pertenceu aos velhos troncos paulistas que em Campinas abriram suas grandes arvores familiares: era um português de Guimarães, lusitano do melhor quilate, que ligou seu nome a Campinas por uma vida de trabalho constante, e por uma benemerencia de atos e realizações que o recomendam

O "BAHIA" E A BENEMERENCIA DESSE AUTENTICO PORTUQUÊS DE
GUIMARÃES

(cont.)

- fls. 3 -

a uma carinhosa evocação. Entretanto, mesmo ali, na terra em que viveu durante quarenta anos fecundissimos, seu nome vai sendo totalmente esquecido. Para os antigos e para alguns não ainda muito velhos como eu, que o conheci de fama, o nome desse português, que se chamava Antonio Francisco era familiar pelo seu apelido de "O Bahia", com o qual, aliás, parece que se alegrava. Figura entre os primeiros benemeritos da Santa Casa e foi com um legado do seu testamento que as obras do edificio central tomaram seu maior impulso. Além disso ficou, ao que parece, mais conhecido e popular quando adquiriu e ofereceu para a antiga Matriz Velha o maior sino da torre, um colosso de bronze que, até hoje, a quem o posso contemplar de perto, galgando os cento e oitenta degraus que levam à torre da Catedral, infunde respeito pela tonelagem e encanta pela musicatidade das badaladas solenes e graves que cortam os espaços através de quilometros e quilometros de distancia.

Não se explica bem como pode aquele homem fazer transportar para Campinas, lá por 1847, um sino daquele peso e daquelas proporções. Ninguém sabe quem o fabricou. Só se sabe que foi o "Bahia" que o adquiriu e ofereceu à antiga Matriz. O sino ficou com o seu nome, e na Campinas de há cinquenta anos, quando soavam, sem aviso, as vozes do possante bronze, tangido pela mão do sineiro Luiz Corneta, punha-se todo o mundo a indagar: - "O Bahia está tocando: morreu ou está agonizando algum irmão do Santissimo..."

O "BAHIA" E A BENEMERENCIA DESSE AUTENTICO PORTUQUÊS
GUIMARÃES.

(cont.)

- fls. 4 -

Sim, porque, em dispositivo por ele imposto ao compromisso da Irmandade, o sino não poderia dobrar senão por morte de membro da Irmandade, atos da Semana Santa e Corpus Cristi e saídas do Viatico. Depois a licença se ampliou para algumas festas religiosas de pompa, procissões e cerimoniaes de "Te Deum".

Esse portuguez, que no commercio local era figura de relevo e passou a capitanear a familia dos capitalistas, foi sempre rigoroso no giro dos negocios, cordato e parcimonioso na sua actividade. Mas, se contrariado na administração da Irmandade do SS. Sacramento que ajudou a reformar, e a que emprestou imenso prestigio, exasperava-se e explodia.

Conta-se que, quando o sino grande estava para ser alçado no antigo patio da Matriz Velha, sobre giraes que o sustentaram durante muitos annos, o peso era tamanho que os grupos de trabalhadores escravos não conseguiam abalar a massa de bronze enterrada no solo. O Bahia explodiu em gritos de incitamento, completados por outros de furia. No dia seguinte, reforçou o grupo com trabalhadores brancos entrou ele tambem a fazer força com os braços peludos e o gigante de bronze foi guindado ao alto do girao...

Dali só saiu, annos depois, e em 1883, quando o Bahia já tinha morrido, foi guindado à torre da Matriz Nova onde até agora se acha.

O "BAHIA" E A BENEMERENCIA DESSEAUTENTICO PORTUGUÊS
GUIMARÃES

(cont.)

- fls. 5 -

- Porque o nome de "Bahia" dado àquele português de aço nos musculos e de veludo no coração? O nome lhe adveio porque, vindo de Portugal em principios dos mil e oitocentos, quando ainda rapazote, fixou-se na Capital da Provincia baiana onde fez commercio, dali vindo para a Provincia de S. Paulo, primeiro em Sorocaba e, finalmente, em Campinas.

De Sorocaba trouxe uma menina, que diziam ser sua filha illegitima, de cuja educação cuidou com desvelos de pai amoroso e solícito, fazendo dela sua herdeira. Essa moça casou com um patricio do Bahia, de boa estirpe, Mendonça Furtado e Queiroz e, em viuvando, convolveu a novas nupcias com um paulista autentico, o tenente Isidoro Cantinho havendo dessa união varias filhas que o patriarca chamava de netas e foram beneficiadas por copiosos legados e legitimas no testamento que ele deixou, aprovado em agosto de 1868 pelo 1º tabelião de Campinas. Seu 1º testamenteiro que assumiu o cargo e levou processo, partilha e pagamento até final, foi o "Vigarinho", conego Joaquim José Vieira, depois bispo do Ceará e fundador da Santa Casa e do Asilo de Orfãs. Tinha d. Vieira, pela memoria do Bahia, um culto fervoroso, que conservou até os ultimos dias de sua vida; ninguem melhor do que aquele sacerdote insigne poderia, com efeito, atestar dos meritos, virtudes e esquisitices de genio do português que

O "BAHIA E A BENEMERENCIA DESSE AUTENTICO PORTUGUÊS
GUIMARÃES.

(cont.)

- fls. 6 -

tanto o auxiliara na fundação da sua Casa Santa.

Quando se concluiu o inventario de bens do seu avultado espolio, que atingiu a mais de mil e quatrocentos contos de reis - e isso em 1873 ! - o remanescente da sua terça foi atribuido em tres partes iguais a tres Santas Casas de Misericordia: - à de Guimarães, provincia do Minho, sua terra natal, à do Rio de Janeiro e à de Campinas. Cada uma foi beneficiada com um quinhão de 148:036\$750.

Mas a benemerencia do "Bahia" não ficou circunscrita a esmolas copiosas em vida e a essa linda distribuição de legados no testamento. O lusitano era homem de bom gosto - e, além da pirataria de lei que adquiriu para a "sua" Irmandade, interessou-se pelas obras da Matriz Nova, que caminhava vagarosamente. Em 1853 fez vir da Bahia, por sua conta, o mulato entalhador Vitoriano dos Anjos que deixou na atual Catedral de Campinas os trabalhos de escultura na madeira que constituem o maior monumento de arte religiosa de São Paulo. Os trabalhos de mestre Vitoriano foram logo secundados e completados por outro artista nacional, Bernardino de Sena Reis mandado buscar no Rio de Janeiro pelo mesmo incançavel português.

De mestre Vitoriano restam ainda, esparsos, possivelmente ignorados, muitos trabalhos de talha, fora os que deixou no altar-mor e nos dois pulpitos da Catedral. Um dese

O "BAHIA" E A BENEMERENCIA DESSE AUTENTICO PORTUGUÊS
GUIMARÃES

(cont.)

- fls. 7 -

ses conheci eu, em casa de outro baiano benemerito que foi o farmaceutico Rafael Gonçalves de Sales: - era uma cama de solteiro, com colunas na cabeceira e enfeites que pareciam bordados a agulha, modelados com tratos de goiva e de escopro em cernes de caviuna e cabreuva das antigas matas campineiras, que cintavam a cidade desde as pequenas aguas do Anhumas até os cursos grossos do Atibaia e do Jaguari. Onde teria ido parar essa preciosidade, após a morte da quele excelente paulista de Adoção?

De Bernardino de Sena Reis nunca ouvi dizer que tenha deixado outras obras d'arte senão as que opulentavam a nave central, os altares laterais e as capelas. Ramos de Azevedo, certa vez em que esteve em Campinas foi à Matriz Nova verificar o estado das esculturas do altar-mor que Vitoriano trabalhara com finuras celinescas e um sacerdote português, virtuoso no seu ministerio mas bronco em assuntos de arte, mandara pintar de branco e azul, comprometendo sua natural grandiosidade. Verificado o bom estado da restauração seguiu, nave central abaixo mas se deteve ante um dos pulpitos, chamando a atenção dos presentes: - "Reparem esta maravilha: - o pulpito tem uma forma de calice. É um prodigio de delicadeza que o Vitoriano transplantou de igrejas da Bahia..."

Ora, essa obra monumental foi em grande parte conseguida pelo apoio que o português Antonio Francisco Guimarães deu aos artistas que mandou vir de longe para opulentar o templo que era sede da Irmandade do SS.Sacramento.

O "BAHIA" E A BENEMERENCIA DESSE AUTENTICO PORTUGUÊS

GUIMARÃES

(cont.)

- fls. 8 -

O sino grande, as generosas doações a casas de caridade e os legados copiosos que deixou por sua morte, colocarem o nome desse homem ríspido e severo entre os maiores benemeritos de casas de caridade, obras religiosas e do patrimonio artistico de Campinas, É por isso que, ao contemplar o seu retrato a oleo na galeria dos protetores da Santa Casa, confundido com as efigies da autentica nobreza rural e cristã dos velhos tempos, uma prece espontanea brota dos labios de quem conheça o que ele fez, o que produziu e o que distribuiu em beneficios e em esmolas nessa lição de salutaes exemplos que foi toda a sua vida.

Correio Paulistano 20.VIII-1950